

ENTREVISTA – VAMOS FALAR SOBRE GÊNERO

INTERVIEW – LET’S TALK ABOUT GENDER

Sem sombra de dúvidas, podemos dizer que as questões relativas às teorias suscitaram, nos dois últimos anos, vários debates e ações. De um lado, defensores(as) chamando a atenção para a necessidade de sensibilizar a sociedade e avançar nas discussões; de outro, detratores(as) defendendo a manutenção dos padrões tradicionais relativos ao comportamento dos indivíduos no que tange aos papéis femininos e masculinos. Nesta entrevista, a advogada e mestranda em Sociologia Marina Kurchaidt entrevista a doutora em Sociologia Samara Feitosa acerca do tema. Marina e Samara fazem parte do Centro de Estudos em Segurança Pública e Direitos Humanos da UFPR (CESPDH) que, entre outras temáticas, tem uma linha de pesquisa voltada à discussão de gênero e sua interface com a violência, os direitos humanos, a segurança pública e temas afins.

Marina Kurchaidt: Nos últimos tempos, temos visto constantes discussões e polêmicas envolvendo as teorias de gênero. Como você percebe esses movimentos? O que acredita ter ocasionado essas polêmicas?

Samara Feitosa: Pergunta interessante. Realmente o tema tem se mostrado polêmico, embora eu, sinceramente, não consiga entender o porquê disso. Penso que, talvez, isso ocorra porque fomos ensinados a pensar determinados comportamentos ligados ao gênero como sendo “naturais”, meninos gostam de azul e brincam de carrinhos, meninas gostam de rosa e brincam de bonecas, homens trazem o dinheiro para casa, mulheres cuidam da casa e dos filhos, e por aí vai. Quando você começa a questionar essa naturalização, isso causa certo incômodo nas pessoas, porque as retira de sua zona de conforto. Veja, se isso “É assim”, e isso é autoevidente, eu não preciso me preocupar em pensar no porquê as coisas são como são, elas são e pronto. No momento em que surge alguém e pergunta: mas por que mesmo é assim? Uma gama enorme de possibilidades se abre e agora eu terei que pensar sobre o assunto, pensar e me posicionar, ainda que eu escolha manter a posição “tradicional”, eu tenho que tomar uma posição, e isso para muitas pessoas é bastante difícil de fazer.

Marina Kurchaidt: Em que sentido você afirma isso, ou seja, por que tomar uma posição é difícil?

Samara Feitosa: Porque tomar uma posição significa fazer escolhas, e fazer escolhas tem, no mínimo, duas consequências: a primeira delas é a de abrir mão de outras opções. Ao escolher A, por exemplo, eu estou abrindo mão do restante do alfabeto e isso pode ser impactante e desconfortável... Poderíamos ficar aqui horas falando sobre isso, mas acho que não é esse o caso... De qualquer forma, uma boa leitura que ajuda a pensar nesse tema são os vários textos do Zygmunt Bauman, nos quais ele discute o que chama de “modernidade líquida” e suas configurações, em que a estrutura social criada sobre a rigidez da modernidade dilui-se. Fica, então, como indicação de leitura. Voltando à questão, a outra consequência da escolha é o engajamento, o envolvimento. Ao escolher, eu “tomo um partido”, eu me “coloco” em uma posição, eu assumo um lugar... e, novamente, isso pode ser muito desconfortável para as pessoas, que geralmente passam a ser rotuladas por suas crenças, já que estão questionando aquilo posto pelo *stabelichment*. É muito mais fácil quando você coloca isso no reino do “natural”, na natureza, e dessa natureza, é bastante improvável que escapemos... isso resolve e justifica muitas coisas por você.

Marina Kurchaidt: Sendo assim, o que o gênero tem a ver com tomar partidos na sociedade?

Samara Feitosa: Vamos tentar amarrar as coisas: quando falamos em gênero, estamos falando em relações sociais. Gosto muito de uma definição dada pela historiadora Joan Scott. Em um texto do final da década de 1980 ela afirma que o gênero é uma maneira de organizar a sociedade. Se partimos desse pressuposto, algumas chaves para a reflexão são colocadas à nossa disposição. Organizar é colocar “em ordem”, é “dispor”, ou “dar uma forma”, e

quando começamos a pensar nisso, a evidência do arbítrio começa a transparecer. Você pode até me dizer: “espera, organizar é também dar um sentido que seja ‘racionalmente’ compreensível”. E embora eu não possa colocar esse ponto em questão, poderei afirmar que a racionalização é também uma questão de arbítrio, de escolha intencional. Então, se pensarmos no gênero como algo que organiza a sociedade, temos que encarar o fato de que ele coloca as coisas – nesse caso, as pessoas – em determinados lugares sociais. E é aí que o bicho começa a pegar... senão, vejamos, desde há muito tempo, as ciências sociais vêm nos mostrando que os padrões de comportamento que “compõem” a sociedade são padrões criados pela própria sociedade. Desde Émile Durkheim sabemos “que o social só se explica pelo social”, ou seja, somos o resultado da vida em sociedade, mas não podemos esquecer que, em primeira instância, nós somos a sociedade. Se isso é verdade, os padrões relativos ao gênero são também padrões construídos na sociedade, por isso mesmo não podem ser pensados como “naturais”, mas como produtos das interações que se dão no convívio social. A partir daí, fica impossível negar a historicidade desses papéis e o reconhecimento da possibilidade de negá-los e/ou transformá-los, não tendo nada de “natural” (ou de natureza se você preferir) nisso tudo. Aliás, nessa conversa de naturalização dos papéis de gênero, não podemos esquecer o papel da sexualidade. As teorias de gênero, falando de forma geral, também colocam em debate a naturalização do binário gênero/sexo biológico. A antropóloga Gayle Rubin, já na década de 1970, problematizou o que chama de **sistema do sexo/gênero**, que seria um conjunto de arranjos sociais que transformam a sexualidade biológica em produto da atividade humana, ou, no caso da mulher, transformam o feminino em mulher domesticada.

Tentando falar isso tudo de forma mais simples, o gênero é uma construção social. Assim, se conseguimos considerar que o gênero orienta os comportamentos dos indivíduos, fica claro que esses comportamentos são criados na e para a sociedade em que vivemos, o que “desconstrói” uma série de “certezas” e “verdades” com as quais fomos acostumados a conviver. Expressões como “isso não é coisa de homem” ou “isso é trabalho de mulher”, só para dar um exemplo rápido e bem rasteiro, perdem imediatamente o sentido. Acredito que é por aí que as discussões de gênero causam polêmicas e são muitas vezes “satanizadas”.

Marina Kurchaidt: A satanização da temática do gênero quando focada nas escolas é uma boa sequência. Assistimos, nos últimos dois anos, a uma verdadeira cruzada no que se refere às discussões de gênero nos currículos escolares, a tal “ideologia de gênero”, que invadiu as mídias sociais, as votações dos planos de educação – municipais, estaduais e federal – as discussões nos almoços familiares do domingo e por aí vai. Como podemos explicar isso?

Samara Feitosa: Acredito que para responder isso a gente precisaria fazer uma pesquisa mais aprofundada, pois penso que há uma infinidade de variáveis que acabam desembocando nessa conjuntura, nessa “cruzada” de combate as discussões de gênero nas escolas. Na verdade, o termo “cruzada” me parece mesmo bem apropriado ao que aconteceu, porque, em última análise, uma parcela significativa dos argumentos utilizados para perseguição tem origem religiosa e também moral. A própria designação usada para desqualificar o debate, a tal “ideologia de gênero”, vem no sentido de tentar afirmar que ele (o debate) não tem o caráter de cientificidade; Para eles, o gênero não é uma teoria, trata-se de uma construção discursiva que visa confundir as pessoas. Vale lembrar que, antes de mais nada, a própria ideologia é um conceito, portanto é polissêmico. Uma ideologia pode carregar sentidos tanto progressistas quanto conservadores. Assim, os adversários das teorias de gênero estão usando um conceito científico para debater outro, embora não o reconheçam como tal, e isso é bem interessante. Agora, ideologia, da forma como essas pessoas utilizam, está ligada ao referencial teórico marxista, é Marx quem diz que a ideologia é uma forma de ocultar a verdade através de um discurso distorcido – referindo-se à relação de dominação existente entre as classes sociais. É interessante notar que essa mesma teoria, a marxista é, em grande parte, refutada pelos defensores do combate à ideologia de gênero. Mas, enfim, os argumentos utilizados, como já disse, estão no campo da religiosidade e da moral e buscam reafirmar padrões de

comportamento que as discussões de gênero põem em questão ao afirmar que eles (padrões de comportamento) são construções sociais e não da natureza humana. Isso significa dizer que não há, de forma predeterminada, um único comportamento para os homens e as mulheres na sociedade, mas que esses papéis são “organizados” pela própria sociedade. Daí a começar a questionar esses papéis, tentando entender a que demandas eles atendem e a quem eles interessam, é bastante rápido e eu acredito que esse seja o grande problema encontrado pelas pessoas que organizam essa cruzada de demonização das teorias de gênero. Penso que as mudanças causadas por essas discussões ou assustam ou não interessam, por isso a tentativa de manter as coisas da forma como estavam. Sobre esse empreendedorismo moral, Howard Becker fala sobre os “reformadores cruzados”, que são aqueles que precisam mudar as regras porque, para eles, nada pode estar certo no mundo até que existam regras para corrigi-lo. Ele acredita atuar com uma ética total, vendo absolutamente um mal sem nenhuma qualificação, e é hipócrita. Becker os classifica como cruzados porque acreditam que sua cruzada é sagrada e impõem sua moral aos outros.

É lamentável ver isso acontecendo, ver o retrocesso ocorrido, principalmente quando pensamos nos planos de educação, tanto os municipais, como estaduais e federal, porque isso vai causar um atraso imenso no desenvolvimento de uma sociedade mais igualitária. De qualquer forma, acredito, sinceramente, que não há como impedir essas transformações, não há como segurar as mudanças sociais, elas acontecem, isso é fato. Nossa história é feita dessas transformações, não houve uma única sociedade capaz de detê-las, seria muita arrogância nossa imaginar que nosso período histórico será capaz de fazê-lo.

Marina Kurchaidt: Você falou no desenvolvimento de uma sociedade mais igualitária. Qual você acredita ser o papel do gênero nesse desenvolvimento?

Samara Feitosa: Outra pergunta interessante. Uma feminista bastante conhecida, Simone de Beauvoir, cunhou uma expressão que pode nos ajudar a entender do que estamos falando. Simone afirmou que o privado também é político. Essa afirmação, que para muitas pessoas hoje em dia é corriqueira, teve um efeito revolucionário no período. Significava dizer que as coisas que aconteciam na esfera privada – por exemplo, entre um casal – também tinham que ser pensadas como questões de políticas públicas. Acredito que todos já ouviram, em algum lugar, um ditado popular que diz: “em briga de marido e mulher, não se mete a colher!”, pois bem, é exatamente isso que a autora questiona, não há como a sociedade continuar a entender esse tipo de fenômeno como algo da esfera do privado, portanto blindada aos questionamentos do coletivo, do público, do político. É preciso estar atento ao que acontece na esfera privada, porque o privado também é organizado como um ambiente permeado por relações de poder e quando essas relações se estabelecem em sociedades que pensam o feminino como inferior, o resultado, para uma grande parcela das mulheres, pode ser a exposição constante à violência, ao aviltamento e à dominação. E é isso que as discussões acerca do gênero vão trazer à tona. De certa forma, elas transportam para a esfera pública questões latentes que buscavam uma maneira de se expressar. Aqui precisamos fazer um pequeno recorte para lembrar que as discussões relativas ao gênero são a forma como a ciência e a academia encontram para abordar algo que já vem sendo discutido pelas feministas há algum tempo.

Bem, se ao falar de gênero estamos falando em poder, em dominação, entender como essas relações se organizam é também um caminho para entender a sociedade de maneira geral, assim, todas as transformações que tornarem as relações entre os gêneros mais democráticas, igualitárias e pacíficas são também transformações que encaminham a sociedades para esse perfil.

Marina Kurchaidt: Então, pelo que você está falando, as teorias de gênero têm uma relação intrínseca com o movimento feminista.

Samara Feitosa: Sim, mas eles não podem ser confundidos. O movimento feminista é um movimento político que tem uma história anterior às discussões acadêmicas de gênero. A gente pode até falar que as discussões de gênero são fruto desse movimento, mas não podemos dizer que eles são a mesma coisa. Falando de forma simplificada e bem rápida, o gênero é uma teoria que busca, de forma científica – seja lá o que você quiser chamar de ciência – entender/explicar como se dão as relações sociais/de poder entre os sexos nas sociedades. Vale lembrar que não há uma única teoria de gênero, mas uma diversidade delas, e aqui novamente vale lembrar do texto da Scott – aquele que eu falei antes – que traz um apanhado geral de como andavam essas teorias às portas da década de 90 do século passado... e veja que desde essa época muita água já passou por debaixo dessa ponte, ou seja, muitas outras leituras foram sendo introduzidas nesse referencial teórico e, ainda assim, essas discussões continuam causando estranhamento e resistência a uma parcela da sociedade. Assim como é importante destacar que não existe um movimento feminista, genérico, que abarque todas as teorias. Como qualquer movimento social, o feminista possui rupturas, dissidências, “rachas” teóricos que também refletem e/ou produzem diferentes ações sociais.

Marina Kurchaidt: Nesse sentido, então, podemos pensar que esse estranhamento esteja ligado à ideia de trazer para a esfera pública questões que antes eram pensadas como privadas, como você já afirmou? Em expor e mexer numa ferida coletiva?

Samara Feitosa: Em certa medida, sim. Fomos acostumados a pensar que os papéis e as funções sociais desempenhados por homens e mulheres já vêm “formados” ou informados pelo nascimento. Assim, se você nasce com um pênis, você é um homem, e a partir daí se espera de você determinados comportamentos, determinadas habilidades e posturas, isso tudo somado vai, de certa maneira, localizar você dentro da sociedade. Como fomos também educados a pensar de forma dicotômica, a definição do outro, nesse caso específico do feminino, será pensada em oposição ao que foi definido como masculino. Se os homens são A, as mulheres são não A, e isso era dado, como já dissemos anteriormente, pela própria natureza. A gente não precisa nem se esforçar muito para encontrar exemplos desse tipo de pensamento, a história está cheia deles, desde os textos bíblicos até a fala de grandes pensadores da humanidade.

Só para citar um deles, Pitágoras afirma que “existe um princípio bom que gerou a ordem, a luz e o homem; há um princípio mau que gerou o caos, as trevas e a mulher”. Por aí, já podemos entender que se trata de uma forma de organização que dá às mulheres um lugar diferenciado e inferior ao pensado para os homens, mas aqui vale um reforço, e isso eu acho importante ressaltar, esse lugar, essa inferioridade era pensada como algo que viria da própria “natureza feminina”, ou seja, a mulher era “naturalmente” inferior ao homem porque assim tinha sido criada.

Por isso mesmo, quando se iniciam as discussões acerca da construção social desses papéis, ou seja, quando começamos a tornar claro que não se trata de algo natural, mas de algo criado pela própria sociedade, cai por terra o lugar “determinado” às mulheres dentro das relações sociais. Ora, se isso é social, é também político, portanto não é determinado pelas relações privadas, não se restringe ao sacrossanto espaço do lar, mas está relacionado às relações de poder que organizam a própria sociedade. As implicações dessa forma de pensar e explicar as relações sociais são muitas e uma das mais importantes delas é a de que essas relações podem ser transformadas, modificadas, alteradas, e isso é revolucionário. Continuo achando que é isso o que certos movimentos têm tentado evitar, a revolução ocasionada pela compreensão de que esses lugares sociais podem ser mudados, isso é realmente assustador para muitas pessoas.

Marina Kurchaidt: Se isso for verdade, se o mundo não funciona de maneira pré-determinada e pode socialmente se reorganizar, você está dizendo que o movimento feminista e as teorias de gênero são revolucionárias, é isso mesmo?

Samara Feitosa: Sim, se você considerar transformações sociais significativas como revolucionárias. A verdade é que as questões colocadas pelos movimentos feministas e traduzidas pelas teorias de gênero – isso na esfera de produção de conhecimento científico – obrigatoriamente levam a ponderações que ocasionam uma inflexão no pensamento, e eu acredito que isso se dá no mundo todo. Essas questões tornam obrigatórias discussões acerca de como se organizam as sociedades, em que bases se dão as estruturas sociais, como se perpetuam/transformam as relações de poder, enfim, abrem as portas para questionamentos que acabam tendo repercussões em diversas áreas da produção de conhecimento científico, da saúde a política (aqui pensando a política como algo institucional) e isso é revolucionário, eu acredito.

Mas não é só isso, essas discussões orientam práticas sociais, e são essas práticas as grandes possibilitadoras de mudanças. Veja, não há como negar que avançamos infinitamente em relação à diminuição do machismo que perpassa as sociedades. Há 40 anos, por exemplo, crimes de honra eram não só aceitos, como considerados legítimos, a violência contra mulheres era naturalizada e considerada como “briga de casal”. Hoje, temos a Lei Maria da Penha, só para citar um exemplo, que torna crime esse tipo de ação, mas isso não significa que essas discussões tornaram-se obsoletas porque não há mais nada a fazer ou já está tudo resolvido, longe disso, ainda há um longo caminho a percorrer, a violência contra as mulheres continua existindo e nosso papel ainda é o de combate a esse tipo de ação. Sensibilizar a sociedade para esse tipo de coisa é um trabalho cotidiano, árduo e urgente, e nós vamos continuar a fazê-lo. Por isso, até certo ponto, as polêmicas relativas ao gênero são importantes para a gente, porque ajudam a visibilizar o que estamos discutindo. Acredito que seria muito pior se ninguém se importasse, isso significaria que não estaríamos incomodando ninguém, que o que falamos/defendemos não repercute socialmente... não é o caso, ainda bem!

Samara Feitosa
Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Pesquisadora do Centro de Estudos em Segurança Pública e
Direitos Humanos (CESPDH) da Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Trabalha com temas relativos às violências,
entre elas as de gênero
E-mail: samarasociologia@gmail.com

Marina Kurchaidt
Bacharel em Direito
Mestranda em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Pesquisadora do Centro de Estudos em Segurança Pública e
Direitos Humanos (CESPDH) da Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Trabalha com temas relativos à instituição
policial em seus diversos aspectos
E-mail: zk.marina@gmail.com

Recebido em: 23/02/2017
Primeira decisão editorial: 23/02/2017
Aceito em: 23/02/2017

